

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO

CURSO DE HISTÓRIA

GABRIEL CRUZ MACHADO

A LUTA ANTES DA CLASSE

O conceito de experiência de E. P Thompson em Germinal de Émile Zola

São Leopoldo

2020

GABRIEL CRUZ MACHADO

A LUTA ANTES DA CLASSE

O conceito de experiência de E. P Thompson em Germinal de Émile Zola

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
História, pelo Curso de História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira

São Leopoldo

2020

Anger is a gift. (Zack de la Rocha)

AGRADECIMENTOS

Nessa jornada acadêmica transformadora, agradeço ao corpo de professores e funcionário do curso de Licenciatura em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Em especial, aos professores que tiveram participação para a produção desse trabalho de conclusão de curso. Meus agradecimentos às professoras Dr^a Marluza Marques Harres e Dr^a Máira Ines Vendrame, que, através de suas aulas, me direcionaram, mesmo que indiretamente, a construção do meu tema de análise. Por fim, ao Prof. Dr. Paulo Moreira Staudt, que em meio de uma pandemia global, pôde me orientar e auxiliar, além de apoiar, pois é também um grande entusiasta de E.P Thompson.

Aos colegas e amigos que fiz na Universidade, agradeço a paciência e o carinho de Tiago Scharlau, meu parceiro de graduação e único camarada que tive o prazer de ser colega desde o primeiro semestre. Junto a ele, e não menos importante, agradeço as camaradas Isabella Horst, Nicole Moraes, Luana Amaral, Jessica Muniz e ao camarada Matheus Soares pelo apoio e amizade. Ainda sobre amizades, um muito obrigado ao parceiro Matheus Schardosim pelas leituras e revisões.

Aos meus pais, Juliana e Luciano, meu muito obrigado por tudo, de coração. Pelo suporte financeiro, pela paciência e amor, que sempre me deram onde estive e quando precisei. A vocês, devo tudo o que tenho. Minha formação como ser humano reflete na minha criação por vocês. Também aos meus irmãos, avós, primos, tias e agregados. Agradeço a Karoline Vargas pela ajuda em todos os aspectos no fim dessa caminhada.

Todos vocês são inspiração para mim. O curso de história me tornou mais empático e crítico. Entrei um homem diferente que saio agora. Espero poder levar minha experiência na Universidade para sala de aula, local onde tenho certeza que serei feliz.

RESUMO

Este estudo tem o intuito de discutir conexões entre a teoria de “experiência social” do historiador marxista inglês, E.P Thompson e “Germinal”, obra literária criada pelo francês Émile Zola no século XIX. O texto literário já é reconhecido como fonte com possibilidade de se identificar dados históricos. A literatura é, portanto, um campo privilegiado para a investigação histórica. E.P Thompson é conhecido pela *History From Below*, em que coloca em destaque na análise histórica: os desprivilegiados, os oprimidos, os pobres, os subalternos. No caso dessa tese, o enfoque será no movimento operário francês, retratado por Zola. No que diz respeito a aproximação entre História e Literatura, Gyorgy Lukács e Raymond Williams, remetem às inovações metodológicas e epistemológicas nesse campo, fundamentada numa ótica sócio-cultural.

Palavras-chave: E.P Thompson. História e Literatura. Germinal. Émile Zola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 ZOLA: TRAJETÓRIA E A CONCEPÇÃO DE LITERATURA NA FRANÇA EM 1860 AO COMEÇO DOS XX	8
2.1 Contexto histórico em Germinal	9
2.2 Germinal: Origem, naturalismo e literatura como fonte	12
2.3 Romance Experimental e Problema Epistemológico	13
3 A EXPERIÊNCIA EM GERMINAL: E. P. THOMPSON, CLASSE E CULTURA	19
3.1 Sobre luta e experiência	20
3.2 Classe: Formação, luta e consciência	26
3.2.1 Classe	27
3.2.2 Consciência	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, inicialmente, é fruto de uma coincidência cronológica. Até então, o tema para trabalho de conclusão estava distante. No quinto semestre da graduação me deparei com leituras similares em disciplinas diferentes. Naquele momento fazia Teorias da História II, com a Dr^a Prof^a Marluza Harres e História Contemporânea I, com a Dr^a Prof^a Maíra Vendrame. Ambos trabalhos envolviam leituras **das quais** nunca havia me aproximado. Para Teorias, escolhi a Miséria da Teoria, devido a aproximação que mantinha ao marxismo no momento. E para o trabalho que envolvia obras clássicas da literatura do século XIX, escolhi *Germinal*, de **Émile** Zola. Foi instantânea a aproximação que fiz com os respectivos textos. Um, teórico, que discute a filosofia da história com uma forte crítica ao estruturalismo e um apelo às observações das experiências humanas, a favor da lógica histórica. Pelo outro lado, uma obra de ficção extraordinária, que demonstra os detalhes da vida de mineiros **do norte da França** em pleno **processo de industrialização**, no contexto do Segundo Império Francês.

Assim, pelo resto do curso de História, isso fermentou em minha cabeça. A admiração pelo trabalho de Thompson cresceu, e quanto mais consumia sua obra, mais **encontrava** elementos compatíveis com a obra de Zola. A exploração, as experiências dos mineiros, os costumes, entre outros conceitos foram permeando minha imaginação. Foi com aval do Dr Prof Paulo Moreira que vi uma oportunidade de transformar essa ideia em um trabalho de conclusão. Como problema, procurei pensar: O que há de experiência em *Germinal*? E também, como diz Sidney Chalhou, em ver a História na história. Antes, necessário contextualizar e conhecer Émile Zola, além de correr o risco de estar trabalhando com uma fonte tão delicada por ser uma ficção. Entretanto, uma fonte naturalista, ainda cheia de divergências. Por isso, além de trabalhar com a literatura, reflito sobre o uso da teoria e a própria teoria da história. Todavia, o enfoque seja principalmente, no que diz respeito à experiência social e seus desdobramentos. Importante esclarecer que será usado o conceito de E.P Thompson.

Achar um ponto em comum em Thompson, um intelectual de orientação marxista associada aos trabalhadores e a “experiência”, sendo sua trajetória

interligado a educação popular; e Zola, um burguês do século XIX, que escreve o que observa e que coloca o trabalhador como protagonista, o que na época, foi criticado. Mais tarde, ovacionado, não só pelo método revolucionário, também por sua narrativa jornalística, do modo de vida de mineiros no Norte da França.

Por isso, o trabalho é composto por dois capítulos. O primeiro, em que trato mais sobre a obra. A trajetória de Zola, seus métodos e ideologias. Além disso, discuto sobre o Naturalismo, o contexto histórico e do tratamento da fonte histórica. Por fim, no segundo capítulo, procuro entrelaçar a obra do escritor francês com a de Thompson. Pensando a experiência dos personagens como fator crucial para não só a criação do enredo, mas como própria análise historiográfica e literária.

2 ZOLA: TRAJETÓRIA E A CONCEPÇÃO DE LITERATURA NA FRANÇA EM 1860 AO COMEÇO DOS XX

Émile Zola, nascido em Paris em 1840, foi um escritor pioneiro no campo naturalista literário francês. Aberto ao progresso e às suas consequências, entusiasta do positivismo, doutrina na qual norteia suas obras e escrita, além da devoção pelo método científico. Tais posturas criam interesse pela realidade material da sociedade, buscando traduzi-la em suas obras literárias, paralelamente às suas reflexões sobre a literatura.

Filho de um engenheiro, Zola cresceu na região de Aix en Provence e declarava ser um “bom burguês, de hábitos simples e recatados” (JOSEPHSON, 1958). Em sua adolescência, era um amante do Romantismo, diferente da sua posição mais tarde como escritor. Seu pai, um engenheiro italiano, morreu quando ele tinha apenas sete anos, deixando-o e sua mãe em circunstâncias difíceis. O momento romântico de Zola dura até seus dezenove anos, quando se muda para Paris. Na capital, sua mãe conseguiu trabalho como doméstica, enquanto o escritor utilizava de trabalhos intermitentes nas docas, com salário insuficiente. Em dois meses largou o trabalho e passa a viver na clandestinidade, vivenciando a miséria e a fome. Portanto, muda de um estilo de vida burguês para viver uma realidade inópia, somado as dívidas deixadas pelo pai falecido.

Depois de suportar um período de grande pobreza, um benfeitor garantiu-lhe uma posição em uma livraria, dando a oportunidade de começar o trabalho literário e a carreira que desejava. Na primeira metade dos anos de 1860, escreve contos e colabora nos jornais de Lille e Lyon, chegando afinal aos de Paris, onde se estabilizou financeiramente como escritor. É apenas em 1867 que Zola começa a sua série chamada Les Rougon Macquart¹. O escritor francês, embora use como protagonistas e tem como foco retratar a vida cruel da classe trabalhadora, não se caracteriza como socialista:

Estou sendo considerado um escritor democrático, simpatizante do socialismo, mas não gosto de rótulos. Se quiserem me classificar, digam que sou naturalista. Vocês se espantam com as cores

¹ Romances protagonizados pelos Rougon-Macquart, contando a trajetória de uma família rica e decadente. O objetivo de Zola está em criar uma História natural e social de uma família sob o Segundo Império, sendo *Germinal*, um volume da série.

verdadeiras e tristes que uso para pintar a classe operária, mas elas expressam a realidade. Eu apenas traduzo em palavras o que vejo; deixo para os moralistas a necessidade de extrair lições. Minha obra não é publicitária nem representa um partido político. Minha obra representa a verdade.²

No entanto, pode-se colocar Zola numa categoria de social democrata, ou alguém atraído pela esquerda democrática. Seu retrato sobre a sociedade francesa, principalmente da classe operária, mesmo cheia de ideologias do seu tempo, é importante como fonte de análise, devido ao método de escrita que utiliza. Portanto, é importante o contexto da Europa e precisamente da França nos meados do XIX, o “modus operandi” que Zola utilizou, além da caracterização do próprio Naturalismo e a literatura como fonte histórica.

2.1 Contexto histórico em *Germinal*

Germinal é publicado em 1885, no entanto, além de contextualizar a obra pela sua data de lançamento, considero de muita importância o contexto histórico onde o livro se passa. O enredo transcorre em meados da década de 1860, no Segundo Império Francês, no reinado de Napoleão III, às vésperas da Guerra Franco-Prussiana, que proporcionou estabilidade política que incentivou as indústrias expansão. Isso acelerou as mudanças nas estruturas da classe trabalhadora. A conclusão da rede ferroviária quadruplicou o número de trabalhadores ferroviários e estimulou os campos metalúrgico e de carvão (MAGRAW, 2002, p. 83).

Para Hobsbawm:

Economia à parte, nos países do Velho Mundo a classe média acreditava que os trabalhadores deveriam ser pobres, não apenas porque sempre tinham sido, mas também porque a inferioridade econômica era um índice adequado da inferioridade de classe. Se, como aconteceu ocasionalmente — por exemplo na grande expansão de 1872-1873 —, alguns trabalhadores chegassem a receber suficientemente para se darem o luxo de desfrutar por um breve momento dos privilégios que os empregadores olhavam como seus direitos naturais, a indignação seria sincera e viria do fundo do coração. O que é que mineiros tinham a ver com pianos de cauda e champagne? Em países com carência de trabalhadores, hierarquia social subdesenvolvida e uma população trabalhadora truculenta e democrática, as coisas poderiam ser diferentes; mas na Inglaterra e

² SILVESTRE, 2009

na Alemanha, França e no Império dos Habsburgos, diferentemente da Austrália e dos Estados Unidos, o máximo adequado para a classe trabalhadora era uma quantidade suficiente de comida boa e decente (preferivelmente sem muita bebida), uma habitação modesta e lotada, vestimenta adequada para proteger a moral, e saúde e conforto, sem arriscar uma tendência à imitação dos superiores na escala social. Esperava-se que o progresso capitalista viesse finalmente levar os trabalhadores para perto desse ideal, e infelizmente (embora isso não fosse inconveniente para manter os salários baixos) muitos ainda estavam abaixo desse nível. Portanto, era desnecessário, indesejável e perigoso aumentar salários além daquele limite. (HOBSBAWM, 2015, p.332).

Sobre o cenário das minas de carvão ao norte da França, o historiador britânico afirma que eram, em maior parte, empreendimentos individuais e pequenos, “(...) embora as dimensões dos ocasionais desastres nas minas deem alguma ideia da escala em que operavam: 145 mortos em Risca em 1860, 178 em Ferndale em 1867, 140 em Swaithe (Yorkshire), 110 em Mons (Bélgica) em 1875, e 200 em High Blantyre (Escócia) em 1877.” (HOBSBAWM, 2015, p. 365). Os trabalhadores viam o estado como o braço repressivo das elites econômicas. Restrições às atividades políticas limitavam os trabalhadores, contatos com republicanos e empurrou alguns trabalhadores artesanais para o mutualismo Proudhonista. (MAGRAW, 2002 p.84); minha tradução).

Outra questão indispensável foram as leituras que Zola teve que fazer sobre as principais tendências políticas e movimentos do proletariado do século XIX, principalmente depois de 1848. Em *Germinal*, o autor cita, através dos personagens como Suvarine, Plutarch, Etienne e Rasseneur, ideias políticas que povoaram as lutas proletárias e de contra exploração, como o anarquismo e o socialismo. Os nomes de Bakunin, Marx e Proudhon são citados como referência na luta dos mineiros contra a companhia. Além disso, o enredo é contemporâneo a criação da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), conhecida como Primeira Internacional, organização fundada em 1864, com objetivo de reunir membros da esquerda, desde social-liberais, mutualistas até anarquistas e comunistas. Plutarch é o representante na associação, que procura auxiliar a greve na mina. Suvarine representa o anarquismo bakunista, enquanto Etienne e Rasseneur, o socialismo, cooperativismo e reformismo. Cito os três, pois as estratégias dos grevistas vão mudando ao longo dos acontecimentos. Etienne inicia imaginando uma sociedade livre das amarras da exploração por parte da burguesia, flertando com o socialismo

científico de Marx e Engels, mas ao final do livro já apresenta um pensamento mais atraído ao reformismo e cooperativismo, logo, mais próximo ao socialismo utópico.

Sobre a Internacional na França:

(...) começou a tomar forma em janeiro de 1865, data em que foi fundada, em Paris, sua primeira seção. Outros centros principais surgiram um pouco mais tarde, em Lyon e Caen. Sua força foi, porém, muito limitada. Na capital francesa, sua base não conseguiu se expandir e, durante esse período inicial, muitas outras organizações operárias tiveram uma consistência numérica superior. A influência ideológica exercida pela Associação foi débil, e as relações de força, limitadas; juntamente com a escassa determinação política, impediram a fundação de uma federação nacional. Apesar desses limites, os franceses, em grande parte seguidores das teorias mutualistas de Proudhon, consolidaram-se como o segundo grupo mais consistente da Internacional durante a primeira conferência da organização, realizada entre 25 e 29 de setembro daquele ano em Londres. Esta contou com a presença de trinta delegados provenientes da Inglaterra, da França, da Suíça e da Bélgica, além de alguns outros representantes da Alemanha, da Polônia e da Itália. Cada um deles apresentou informes, sobretudo de caráter organizacional, sobre os primeiros movimentos da Internacional em seus países. Para essa sede foi convocado, para o ano seguinte, o primeiro Congresso Geral. (MUSTO, 2014 p. 27)

Nas greves, segundo Musto (2014), a organização de grandes massas de trabalhadores contribuiu para a tomada de consciência da conjuntura que o proletariado era forçado a viver. E que diferente do que afirmaram alguns governos da época, que atribuíam a responsabilidade das greves na Europa à propaganda da Internacional, os protestos eram movidos pelas condições de trabalho e de vida que os trabalhadores estavam submetidos, em que a Internacional apoiou com solidariedade, coleta de dinheiro a favor dos grevistas e promoveu encontros para bloquear as tentativas dos patrões de enfraquecer o movimento dos trabalhadores.

Ao tratar da representação dos mineiros, Magraw (2002) afirma que o discurso dominante sobre os mineiros os retrata como grosseiros e bêbados. Esta militância foi provocada por tentativas da gerência de transformar camponeses-mineiros em trabalhadores de tempo integral, a fim de melhorar a disciplina trabalhista, a pontualidade e produtividade. Privados de recursos agrícolas suplementares, mineiros tornaram-se cada vez mais sensíveis às questões salariais e às condições dos poços das minas. Mas ataques também foram desencadeados pela esperança de que os prefeitos republicanos apoiassem os mineiros contra empregadores autoritários.

O discurso dominante sobre os mineiros os retrata como oscilando entre a volatilidade, o estoicismo e a docilidade. Eles foram retratados como grosseiros, frequentemente bêbados. O consumo anual de cerveja per capita em Denain foi calculado a 330 litros! O trabalho subterrâneo foi visto como brutalizante, a juventude dos vilarejos mineiros como mal-educada e indecente. No entanto, os mineiros também foram vistos como quase rústicos, cujos horizontes estreitos os protegiam dos vícios urbanos e ideologia radical. (MAGRAW, 2002, p. 85-86) (minha tradução)

Os trabalhadores achavam fútil adotar virtudes burguesas de economia e planejamento. Os mineiros morriam prematuramente de doenças ou lesões brônquicas. No entanto, os mineiros dificilmente estavam na vanguarda da militância trabalhista. Empresas paternalistas como Anzin forneceram habitações da empresa e incentivou a alta fertilidade para criar uma força de trabalho 'hereditária'. As meninas recebiam empregos como classificadoras de carvão. Mesmo assim, a década de 1880 assistiu a violentos ataques em Decazeville, Montceau, onde uma igreja e um topo de uma mina (pithead) foram dinamitados, e em Anzin, cerca de 2500 grevistas demitidos em 1899 por Schneider deixaram Le Creusot de trem, "agitando bandeiras vermelhas" (MAGRAW, 2002 p.102; minha tradução). O paternalismo da empresa produziu uma força de trabalho que oscilava entre a docilidade e o protesto esporádico. Zola descreve Anzin como um "novo tipo de Bastilha", onde os mineiros, sob vigilância, careciam de liberdades civis. Grandes empresas retrataram o patrão como figura paterna benevolente. Segundo Magraw (2002), uma imagem difícil de sustentar se eles se tornassem 'Sociétés Anonymes' com conselhos de administração e gerentes tecnocratas.

2.2 Germinal: Origem, naturalismo e literatura como fonte

Com a síntese da história, pretendo apenas localizar o leitor no cenário que mais a frente será detalhado a partir de fragmentos da própria obra. O importante é deixar claro o contexto histórico, os atores sociais e no universo em que tudo se passa. Atentar para o espaço de vida dos trabalhadores, em pequenas vilas, perto de seu trabalho, numa intenção clara de dar melhor dinâmica e aproveitamento da mão de obra.

Em resumo, *Germinal* trata-se de um retrato de Émile Zola sobre as péssimas condições de trabalho nas minas no norte da França, retratando o modo de vida miserável que esses trabalhadores levavam, sobrevivendo a fome, a miséria, a

exploração. A obra parte do personagem central, Etienne Lantier, um desempregado em busca de oportunidades na fictícia cidade de Mountsou, onde a principal atividade econômica é voltada para a mineração. Nessa novela o autor aborda a vida dos trabalhadores nas minas de extração de carvão, atividade que proporciona uma vida de miséria, exploração, fome e falta de higiene, ficando o personagem totalmente angustiado com a situação de vida e as condições de trabalho que são impostas. Os mineiros viviam em conjuntos habitacionais, feitos pela companhia e alugados para os trabalhadores. (CARVALHO; JUNIOR; RODRIGUES, 2015).

Étienne tem um grau de intelectualidade maior do que o de seus colegas. Atento para as novidades políticas que estavam em polvorosa na Europa naquele período, portanto, acaba liderando as ações com seus colegas mineiros. Etienne então desenvolve medidas de combate contra essa exploração, a principal atitude a ser feita pelo grupo de trabalhadores seria justamente a greve, mesmo tentando evitá-la através de negociações com o patrão, sem sucesso. Porém a greve seria descontada, desestabilizando ainda mais a vida dos mineiros. Portanto, é criada uma caixa de previdência, a qual os trabalhadores usufruem durante o período sem salários. As revoltas e as manifestações ocorrem constantemente e, com o fim da caixa reserva, vão ocorrendo saques a armazéns e às casas dos burgueses. Os trabalhadores, obtendo apenas resultados negativos da greve, resolvem voltar ao trabalho, entre eles volta também Etienne, porém logo em sua volta ocorre um desabamento, ocasionando assim a morte de vários trabalhadores. O livro termina com Etienne indo embora à procura de um outro emprego.

2.3 Romance Experimental e Problema Epistemológico

Zola utiliza de um método chamado Romance Experimental. O Naturalismo sofreu forte influência das teorias científicas da segunda metade do século XIX, como o socialismo, o positivismo e o darwinismo. Em suma, no Naturalismo, o narrador se comporta como um cientista, que observa os fenômenos sociais como quem observa uma experiência científica. Não é exagero pensar que a literatura naturalista buscava comprovar através da ficção a validade de teses científicas deterministas, como aquela que diz que todo indivíduo é produto de três forças: raça, meio e instinto. Assim:

Começa Zola estabelecendo a diferença entre o trabalho do observador e o do experimentador, sendo a experiência uma “observação provocada” com a intenção de controle. O experimentador é, portanto, mais perspicaz que um simples observador, pois, por meio de uma experiência cujo resultado serve de controle à hipótese inicial, interpreta o fenômeno: assim, o romancista é feito de um observador e de um experimentador. A observação provocada, a experiência, significa a intervenção do romancista que se choca com sua reiterada declaração de busca da objetividade, da não inclusão do seu eu. “Não somos químicos, nem físicos ou fisiólogos, somos simplesmente romancistas que nos apoiamos nas ciências” (BERRETTINI, 2017 p.207 e 215).

O comportamento humano estaria condicionado a fatores hereditários e ao ambiente físico e social. Nesse caso, não haveria subjetividade ou vontade individual, como queriam os românticos. Pela sua radical objetividade, muitos já questionaram se a literatura naturalista poderia ser considerada, de fato, literatura, ou seja, um objeto verdadeiramente artístico. Para Zola:

O romancista é igualmente um observador e um experimentalista. O observador nele dá os fatos como ele os observou. [...] Então o experimentalista aparece e apresenta um experimento, ou seja, define seus personagens em uma certa história, de modo a mostrar que a sucessão de fatos será como os requisitos do determinismo dos fenômenos sob exame exige.... De fato, toda a operação consiste em captar fatos da natureza e depois em estudar o mecanismo desses fatos, agindo sobre eles, pela modificação das circunstâncias e arredores, sem se desviar das leis da natureza. Finalmente, você possui conhecimento do homem, conhecimento científico dele, em sua individual e social relações.³

A associação entre literatura e ciência, na obra de Zola deve ser analisada através de certos filtros, como o da teoria e da história, devido a sua fragilidade epistemológica. O romance não se desenrola em um mundo real da experiência científica, mas sim, em um mundo fictício, sujeito à arbitrariedade do autor. Para Mitterand, “o modelo definido pela ciência que toma a forma de um “pequeno drama”, com uma peripécia central, um nó (a experiência), que transforma os dados iniciais (a hipótese) e dos quais é possível tirar uma lição. É como a “metáfora de um programa narrativo”: situação inicial, crise ou conflito violento, equilíbrio terminal, diferente da partida. É precisamente a construção fantasmática de uma teoria da narrativa”. (MITTERAND, 1986 , p.32).

³ Emile Zola, “The Experimental Novel,” in *The Experimental Novel and Other Essays*, trans. Belle M. Sherman (New York: Haskell House, 1964), apud: Schwarz, Daniel R., author. *Reading the European Novel to 1900 : a Critical Study of Major Fiction from Cervantes’ Don Quixote to Zola’s Germinal*

Não pretendo aprofundar na questão que diz respeito a discussão da teoria literária e a problemática epistemológica. Todavia, sinto que é impossível fazer uma leitura de um romance do século XIX, sem ao menos utilizar de filtros para reflexão de uma literatura escrita por um homem de seu tempo, apoiado por uma ideologia positivista, somado aos diversos fatores de hereditariedade, perspectiva de sociedade, além da posição social de quem escreve e lê. Lukács, em Ensaio sobre literatura, mais precisamente em Narrar ou descrever, argumenta sobre diversas questões do naturalismo francês e como os dogmas estabelecidos interferem na obra:

O método descritivo é desumano. Que se manifesta, segundo já vimos, na transformação do homem em natureza morta, isso não é mais do que o aspecto artístico da dita desumanidade. Mas isso é mostrado nas intenções artístico-ideológicas dos representantes mais importantes da tendência. Então, por exemplo, a filha de Zola conta em sua biografia a seguinte manifestação de seu pai sobre o tema de *O Germinal*: 'Zola aceita a definição de Lamaitre? - 'uma epopeia pessimista do elemento animal no homem' -, com a condição de que o conceito é exatamente do 'animal'. 'Em sua opinião, é o cérebro que faz o homem', escreveu ele ao crítico, 'acho da minha parte que também outros órgãos desempenham um papel essencial'. Sabemos que a acentuação do animal foi em Zola o protesto contra a bestialidade do capitalismo, que ele não alcançou entender, no entanto, o protesto inconsciente se torna na representação, em uma fixação do desumano e animal. (LUKÁCS, 1965 p. 76-77)

Para ele, o método de observação e descrição se origina com o propósito de fazer a literatura científica e essa obsessão em tentar torná-la uma espécie de "sociologia", acaba tornando o seu oposto, ou seja, "em um subjetivismo consumado. Esta herança foi aceita mais tarde, a partir dos fundadores do naturalismo, as várias tendências do naturalismo e formalistas do período imperialista." (LUKÁCS, 1965 p. 76-77). Ainda segundo Lukács (1965): "os novos estilos, os novos modos de representar a realidade não surgem jamais de uma dialética imanente das formas artísticas, ainda que se liguem sempre às formas e sentidos do passado. Todo novo estilo surge como uma necessidade histórico-social da vida e é um produto necessário da evolução social".

É em 1884 que lhe surge a ideia de *Germinal*. A sua redação, sempre seguindo um esboço, começa em abril de 1884 e termina em janeiro do ano seguinte. Com base na palavra de Zola, pensou-se que seu trabalho criador

obedecera a etapas sucessivas: documentação, redação do esboço, acerto dos dados da intriga e das personagens, terminando com a redação final. Porém, estudiosos há tempos se dedicaram à revisão de seu sistema de composição em vários manuscritos de *Germinal* (também de *La Terre*) e constataram que o esquema não era exatamente o declarado, o resultado de farta e minuciosa documentação; é, sim, “o fruto de um ato criador”. Quando eclodiu o movimento grevista em 1884, já havia terminado a ideia central de composição do romance; em julho de 1883, ele elaborará o projeto, inclusive com visitas à região em greve, tendo já reunido documentação. Termina a redação final, pois havia uma anterior, em janeiro de 1885.

A existência de greves em Anzin, em anos anteriores, não poderia ser ignorada, visto ser ele um escritor que se mantinha sempre atualizado. Assim, Zola parte de uma ideia. E a leitura do ébauche ⁴de *Germinal* é esclarecedora. Leiam-se as linhas que assinalam a ideia fundamental do romance: “O romance é a sublevação dos assalariados, o golpe dado à sociedade que estala num instante; em uma palavra, a luta do capital contra o trabalho. A importância do livro aí está. Eu o quero predizendo o futuro, formulando a pergunta que será a questão mais importante do século XX” (BERRETTINI, 2017 pg. 233 e 234).

Para escrever o livro, o autor trabalhou como mineiro em uma mina de carvão, a fim de recolher dados e experiências, com a intenção de esmiuçar o estudo e levantar informações sobre o tipo de vida que a massa de trabalhadores levava, isso após documentar-se sobre a exploração das minas, as greves dos mineiros e a questão social. Ele visitou também Anzin, em fevereiro de 1884, onde acabara de eclodir uma greve. Desceu à mina, interrogou os trabalhadores e visitou o conjunto de habitações da Companhia de Mineração. Ele realizou uma cuidadosa pesquisa sobre a organização do trabalho, a remuneração por jornada, a vida doméstica dos mineiros, os alimentos, os costumes e até as doenças recorrentes. Além disso, procedeu à leitura de uma obra técnica, de Louis-Laurent Simonin (1830-1886) e pesquisou na *La Gazette des Tribunaux*, de 1860-1870, sobre os processos relativos às tragédias de Aubin e de La Ricamarie, quando tropas mataram mineiros. (MAGRAW, 2002).

⁴ Esboço, projeto.

Mesmo não sendo nenhum acadêmico, muito menos um antropólogo, as observações de Zola foram e são importantes para ilustrar a sociedade francesa no século XIX:

A vida cotidiana dos diversos segmentos sociais é alvo do enfoque do autor, que abarca todos os aspectos, de maneira que não poucos historiadores e sociólogos dele se valeram na elaboração de seus próprios trabalhos, tornando-se Zola fonte de referência. (BERRETTINI, 2017, p. 230)

O enfoque do francês se aproxima em uma tentativa de explicação dessa sociedade através de métodos científicos na literatura, de modo que possibilita o uso das obras de Zola como fonte de referência, não apenas no âmbito simbólico. Em *Germinal*, esses aspectos mostram que Emile usou de dados geográficos, da geologia da região da mina, da organização dos trabalhadores, da estrutura das companhias, das crises e claro, da observação sobre a condição social dos mineiros. (BERRETTINI, 2017)

Como Zola fez uma pesquisa considerável sobre as condições das minas no norte da França e visitado a área de mineração em 1884, ele sabia que em 1869 o exército francês havia disparado contra uma multidão de grevistas e que todos os ataques foram tratados como ilegais. Mas as leis trabalhistas estavam no período fazendo pequenas incursões em favor dos direitos dos trabalhadores. Em 1874, as mulheres não podiam ser empregadas no subsolo e as crianças não podiam trabalhar nas minas. Assim, Zola, que lançou seu romance na década de 1860, estava descrevendo algumas condições que não estavam mais presentes. (SCHWARZ, 2014, p. 255)

Raymond Williams propõe uma ideia conceitual e ao mesmo tempo metodológica para tratar certo tipo de escrita literária. Na “estrutura de sentimento”, Williams traz a ideia de que algumas manifestações não só artísticas ou literárias de forma geral, às vezes trazem uma carga de sentimentos de variadas influências, e principalmente relacionado a um compromisso com seu tempo. Assim, podemos também entender Zola por este conceito, pois ele falava com variados sentimentos de algo que estava vivendo, experienciando sentindo, escrevendo uma estrutura de sentimentos: “é a articulação do emergente, do que se escapa à força acachapante da hegemonia que certamente trabalha sobre o emergente nos processos de

incorporação, através dos quais transforma muitas de suas articulações para manter a centralidade de sua dominação” (CEVASCO, 2001, p. 158).

No entanto, a obra de Émile Zola, devido a subjetividade do autor, constrói-se na tentativa de levar consciência as pessoas, explicando o que estava se passando na França do período, apresentando uma verdade literária, e ao mesmo tempo tendo uma estrutura de sentimento perpassando as suas palavras. Zola falava do que havia vivido e experimentado: “as estruturas do sentimento podem ser definidas com experiências sociais em solução” (WILLIAMS, 1979 p.136). Raymond Williams defende a noção de “especificidade empírica histórica”, sabendo que a estrutura é sempre a do sentimento real ligado à especificidade da experiência coletiva histórica e de seus efeitos reais nas pessoas e nos grupos:

[...] este conceito está mais acessível na arte e na literatura de um período, embora ele possa ser encontrado também em livros de história social ou de cultura do pensamento, daqueles que nem dominam e nem cujos interesses são satisfeitos primariamente pela ordem social e institucional estabelecida. É nesse trabalho que é gerado o simbolismo no qual a comunicação humana se coloca como a raiz para todas as culturas e em todos os períodos históricos. A relação entre essas duas características quer dizer que as estruturas de sentimento são geradas através da interação imaginativa e das práticas culturais e sociais de produção e resposta – que são, em essência, práticas sociais de comunicação reflexiva de experiência que estão na raiz da estabilidade e da mudança das sociedades humanas (FILMER, 2009 p.373).

Por fim, é com estas ideias, em diálogo com a obra, o contexto e os conceitos de Thompson que nos proponho a analisar o *Germinal*.

3 A EXPERIÊNCIA EM GERMINAL: E. P. THOMPSON, CLASSE E CULTURA

Para compreender o conceito de experiência na perspectiva da dialética e da lógica histórica, é necessário conhecer o historiador britânico Edward Thompson, bem como os questionamentos e as reflexões expressas em suas obras, as quais são reflexos da sua trajetória de vida como ativista, militante e intelectual.

Edward Palmer Thompson foi um historiador britânico nascido em 1924, tendo influência de seu irmão mais velho, sua militância política cresceu no meio familiar. Sendo filho de missionários metodistas, teve contato com religião, diversidade cultural e marginalização, experiências que podem ter influenciado a constituição de suas convicções.

Estudante de História em Cambridge, ainda durante a graduação filiou-se no Partido Comunista Britânico. Devido a II Guerra Mundial, pausa os estudos para ir ao combate nas frentes africanas e italianas. Alistou-se também como voluntário na brigada de solidariedade na Iugoslávia.

Em 1946, graduou-se em História e começa a trabalhar com a educação de adultos. Nos meados da década de 50, forma o Grupo de Historiadores do PCB juntamente com Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Maurice Dobb, entre outros. Entretanto, depois de 56, após o discurso de Krushev, e a postura do Partido Comunista Britânico, diversos integrantes deixam o grupo, entre esses o próprio Thompson. Nesse momento é lançada a revista *The New Reasoner* e, nos anos 60, assume a direção da *New Left Review*, trazendo outras análises sobre a esquerda britânica, indo contra o dogmatismo e determinismo existente em correntes estruturalista, principalmente o marxismo althusseriano.

A partir dos anos 80, dedica seu tempo a militância política do movimento pacifista, antinuclear e contra o neoliberalismo. Falece em 1993, deixando uma grande produção historiográfica, que chega tardiamente no Brasil.

Pesquisador que buscava a experiência dos homens e das mulheres do povo, dos trabalhadores em sua vida cotidiana, Edward Thompson foi o historiador que inaugurou um dos desdobramentos da história social: a “história vista de baixo”, que, por sua vez, colaborou, direta e indiretamente, para a implementação de alguns caminhos da pesquisa histórica, como a micro-história e a história oral.

Edward Thompson colaborou, também, para inaugurar uma tradição que aponta para o estudo das pessoas comuns, que com suas experiências foram

agentes da história, que com suas ações afetaram, em diferentes graus, o mundo em que viveram e que deixaram para seus filhos. Tradição que dialoga de forma estreita com outras tradições, que parte de uma pergunta, problema ou questão, que elabora hipóteses e narra a história, contribuindo inclusive para a utilização pelos historiadores de documentos tradicionalmente não usados como fontes, como legislação, registro oficiais e inquisitoriais, inventários, de forma inédita. (BERTUCCI; FILHO; OLIVEIRA, 2010).

Para Thompson, o povo faz e refaz sua própria cultura. Por isso, tornam-se imprescindíveis, na análise das relações sociais e de trabalho capitalistas, os ritos, os costumes que são passados de geração a geração e modos simbólicos (THOMPSON, 2005). Associando cultura e experiência, este autor observou que nas relações sociais e de produção os homens vivem experiências que possibilitam a criação de normas, valores, costumes e ideias. Ou seja, homens e mulheres experimentam situações e relações produtivas determinadas “como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura. (THOMPSON, 1981, p. 182) Desse modo, Thompson busca compreender como se constrói, na complexidade das determinações históricas, a reciprocidade entre o ser e o pensar. As experiências materiais se transformam em formas culturais. Sobre cultura, Thompson afirma que: “uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um sistema”. (THOMPSON, 1998, p. 17).

3.1 Sobre luta e experiência

Assim, o termo “experiência” na concepção de E. P. Thompson possibilitou verificar o quanto as vivências são indispensáveis para o processo de auto reconhecimento dos trabalhadores como uma categoria de trabalho. Diante desta afirmação, o que podemos ponderar é que a importância da concepção de experiência na identificação desses processos de construção, manutenção, ou até mesmo de transformação dos costumes, das vivências dos trabalhadores.

E. P Thompson traz a ideia de “experiência social”. Entender a experiência na vida de homens e mulheres é compreender o diálogo existente entre o ser social e a consciência social. Esse resgate do passado da multiplicidade das experiências é uma tentativa para revalorizar as perdas dos grupos subalternos, rememorando a importância das posições históricas, valores e tradições que se transformaram em instrumentos para compreender conflitos e processos, e que apesar das críticas feitas, e aqui comentadas, de estruturalistas e revisionistas, não podem ser nem esquecidas nem abandonadas.

A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas são presas: na prisão pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências, velhos sistemas conceituais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença (THOMPSON, 1981, p. 17).

A experiência consistiria, assim, em um elemento mediador, uma conexão entre processo histórico, determinações culturais e ação humana individual, em permanente tensão. Desta forma, experiência é compreendida, segundo Bertucci, como: “própria de indivíduos singulares e é incompatível com os cálculos que reduz homens e mulheres a insumos. Ela é dialógica e se funda no ser sensível, que está em tensão permanente com as estruturas econômicas, políticas e sociais sintetizadas na cultura” (BERTUCCI, 2010, p. 84).

Assim, nesse capítulo, experiência contidas no livro de Zola serão assimiladas aos conceitos de Thompson. Prossigo além da experiência e exploro também o que tange a luta de classes, a consciência de classe e a própria formação de classe. Busco, em alguns selecionados diálogos e passagens, orientar o leitor na tentativa de ver a experiência em *Germinal*. Começo com partes da obra que retratam a miséria, no que tange as questões econômicas dos personagens. Destaquemos que em Thompson, a consciência de classe acontece, “quando alguns homens, como resultado de experiências em comum (...) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus” (THOMPSON, 2017, p.10). Essa perspectiva contrastiva e dialógica da consciência de classe, pode ser apreendida em alguns trechos do *Germinal*:

A exasperação crescia, uma exasperação de gente calma, um murmúrio que prenunciava a tempestade, sem gestos violentos, pairando terrível por cima da multidão compacta. Algumas cabeças que sabiam contar tinham feito o cálculo e os dois cêntimos arrebatados pela companhia no estaqueamento circulavam, exaltavam até os mais ignorantes. Mas era sobretudo a fúria contra aquele pagamento desastroso que circulava, a revolta da fome contra as folgas e as multas. Já não se comia mais, o que iria acontecer agora com esse corte nos salários? Nos cafés, a fúria tinha livre curso, a cólera secava a tal ponto as goelas que a ninharia recebida ficava toda sobre os balcões. (ZOLA, 1981 p 140 141)

Maigrat, após ter prometido crédito por uma quinzena, ao cabo de oito dias mudara bruscamente de atitude, cortando os víveres. De costume ele recebia ordens da companhia; talvez esta desejasse acabar depressa com o movimento esfomeando os conjuntos habitacionais mineiras. Mas a verdade é que ele gostava de agir como um tirano caprichoso, dando ou recusando pão, conforme a aparência da moça que era mandada às compras pelos pais. Cheio de rancor, querendo puni-la por não ter conseguido Catherine, era na cara da mulher de Maheu que ele fechava mais acintosamente sua porta. Para cúmulo da miséria, o frio acentuava-se, as mulheres viam diminuir as provisões de carvão com a inquieta certeza de que elas não seriam renovadas pela companhia enquanto os homens não voltassem ao fundo da mina. Não bastando a fome, havia ainda o frio para castigá-los. (ZOLA, 1981 p 172 e 173)

Ninguém falou mais, havia uma espécie de insensibilidade em todos, resultante da enorme carga de desgraças. O avô tossindo, cuspidando preto, novamente vítima de reumatismo, que se estava transformando em hidropisia; o pai asmático, os joelhos cheios de água; a mãe e as crianças minadas pelas escrófulas e a anemia hereditárias. Mas tudo isso eram os cavacos do ofício; só se queixavam quando a falta de alimentação ia dando cabo de todos eles. No conjunto habitacional já se morria como moscas. Contudo, precisavam encontrar o que comer. Que fazer, onde ir, meu Deus?" (ZOLA, 1981 p 199)

Começou com um histórico rápido da greve, afetando uma eloquência científica: fatos, nada mais que fatos. Primeiro referiu-se à sua repugnância pela greve: os mineiros não a tinham querido, a direção os provocara com a nova tarifa de revestimentos. Depois lembrou a primeira visita dos delegados ao diretor, a má-fé da administração, e mais tarde, quando da segunda visita, sua concessão tardia, os dois cêntimos que devolvia depois de ter tentado roubá-los. Agora estavam nisso; começou a dar números provando que a caixa de previdência estava vazia, indicou o emprego dos socorros enviados, desculpando em algumas frases a Internacional, Pluchart e os outros, por não terem podido fazer mais por eles, devido às preocupações que tinham com seus planos de conquista do mundo. A situação agravava-se dia a dia, a companhia despedindo e ameaçando contratar operários na Bélgica; além disso intimidava os fracos, convencera certo número de mineiros a voltar ao trabalho. Toda essa fala foi pronunciada em tom monótono, como para ressaltar essas más notícias. Falou ainda da

fome vitoriosa, da esperança morta, da luta já nos últimos haustos da coragem.” (ZOLA, 1981 p 216)

Thompson observa que não é possível aceitar o reducionismo e o determinismo econômico que frequentemente atribui-se a esta relação, porque estes empobrecem o entendimento da complexidade das relações de produção. Destaca que para se compreender efetivamente como se constitui uma sociedade, precisa-se da agência humana, das experiências travadas no interior das relações sociais. Thompson explica que homens e mulheres são seres racionais que refletem sobre si e o mundo, por isso “não se pode conceber nenhuma forma de ser social independentemente de seus conceitos e expectativas organizadores, nem poderia o ser social reproduzir-se por um único dia sem o pensamento” (THOMPSON, 1981, p. 16). A experiência é determinante porque exerce pressões sobre a consciência social, pois “assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido” (THOMPSON, 1981, p. 17). Um exemplo de uma versão literária desta experiência thompsoniana é a que passa a Sra. Maheu ao fim da obra:

Era uma ação caridosa que devia completar o passeio. A morte de Zacharie enchera-o de piedade por essa trágica família Maheu, da qual todo mundo falava. Não lastimavam o pai, um bandido, um assassino de soldados, que fora preciso abater como a um lobo. Apenas a mãe os comovia, essa pobre mulher que acabara de perder o filho, após ter perdido o marido, e cuja filha provavelmente já era cadáver debaixo da terra; isso sem contar que se flava de avô enfermo, de um menino manco em consequência de um desabamento, de uma menina morta de fome durante a greve. (ZOLA, 1981 p. 369)

A experiência abarca: “parentesco, costumes, regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, leis, instituições e ideologias – tudo o que, em sua totalidade, compreende a ‘genética’ de todo processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto [...] Com ‘experiência’ e ‘cultura’, estamos num ponto de união de outro tipo, pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também

experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura [...] (THOMPSON, 1981, p. 189.) Logo no início do livro, Etienne conversa com Boa Morte, pai de Maheu, que ainda trabalha na mina. Nesse diálogo, Zola já apresenta ao leitor qual a realidade das famílias que trabalham nas minas, além do breve histórico da família Maheu:

Outro acesso de tosse veio interrompê-lo.

— E a tosse vem disso também? — perguntou Etienne.

O velho respondeu que não, violentamente, com a cabeça. Depois, quando pôde falar, disse:

— Não, não. Desde o mês passado que ando resfriado. Nunca tossia, agora não consigo mais livrar-me desta tosse... E o mais engraçado é como escarro, como escarro...

Pigarreou novamente e cuspiu negro.

— É sangue? — Etienne ousou perguntar.

Boa-Morte limpava lentamente a boca com as costas da mão.

— É carvão. Tenho tanto carvão no corpo que chega para aquecer o resto dos meus dias. E já faz cinco anos que não ponho os pés lá embaixo. Tinha tudo isso armazenado, parece-me, sem saber. Melhor, até conserva!

Houve um silêncio. Longínquo, o martelo batia regularmente na mina, e o velho era como uma queixa, como um grito de fome e de cansaço vindo das profundezas da noite. Diante das chamas enfurecidas o velho continuou, mais baixo, a remoer suas lembranças. Ah! Certo, não era de ontem que ele e os seus cavavam no veio. A família trabalhava para a companhia das minas de Montsou desde a sua criação; e isso já vinha de muito longe, cento e seis anos. Seu avô, Guillaume Maheu, na época um garoto de quinze anos, fora o descobridor da hulha em Réquillart, a primeira mina da companhia, uma velha galeria atualmente abandonada, lá longe, perto da refinaria de açúcar Fauvelle. Toda a região sabia disso, e a prova é que o veio descoberto se chamava Guillaume, do nome de batismo do seu avô. Não o conhecera, mas diziam que fora um latagão; morrera de velhice aos sessenta anos. Depois, seu pai, Nicolas Maheu, conhecido como o Ruivo, com apenas quarenta anos de idade, ficara na Voreux, que nesse tempo estava sendo aberta: um desabamento e ele ficara completamente achatado, com o sangue bebido e os ossos engolidos pelas rochas. Dois dos seus tios e seus três irmãos ali também haviam deixado a pele, mais tarde. Ele, Vincent Maheu, que conseguira sair mais ou menos inteiro, apenas com as pernas em mau estado, passava por astucioso. Mas que fazer? Era preciso trabalhar. Isso já vinha sendo feito de pai para filho, como bem podia ser outra coisa. Seu filho, Toussaint Maheu, já se matava no mesmo ofício, assim como seus netos e toda a família, que morava em frente, no conjunto habitacional. Cento e seis anos de trabalho para o mesmo patrão, as crianças após os velhos: que tal? Muitos burgueses não saberiam contar tão bem a sua história!

— Quando ainda se pode comer... — murmurou novamente Etienne.

— É isso que eu digo: enquanto há pão para comer, vai-se vivendo. (ZOLA, 1981 p 11 e 12)

Boa Morte não só relata seu histórico na mina, uma experiência vivida; como também cita de experiências percebidas, desde o avô, descobridor da hulha, passando por episódios de desabamento, que ocasionou a morte de seu pai. Assim, a família Maheu é explorada pela mesma companhia por quatro gerações. No mesmo diálogo, Zola já destaca as doenças brônquicas que sofriam os mineiros na época. Também há inúmeros exemplos de insalubridade em *Germinal*, as minas sofriam com desabamentos, consequência da pressão de superiores, norteados pelo lucro, desvalorizando a vida do trabalhador, como:

O rapaz tinha ainda problemas com o solo escorregadio, cada vez mais alagado. Em certos trechos atravessava verdadeiros charcos que só o chapinhar lamacento dos pés revelava. Mas o maior motivo do espanto eram, sobretudo, as bruscas mudanças de temperatura. No fundo do poço estava muito fresco e na galeria de tração, por onde passava todo o ar da mina, soprava um vento gelado, cuja violência parecia de tempestade, entre os muros apertados. A seguir, à medida que se penetrava nas outras galerias, que recebiam somente seu quinhão muito racionado de ventilação, o vento diminuía e era substituído por um calor sufocante, pesado como chumbo (ZOLA, 1981 p 30).

Outra questão diz respeito aos motins e como a economia moral era peça chave na dinâmica dessa sociedade. As revoltas das *turbas*, para Thompson: “vinham legitimadas pelos pressupostos de uma economia moral mais antiga, que ensinava ser imoral qualquer método desonesto de aumentar o preço dos alimentos, para se aproveitar das necessidades do povo” (THOMPSON, 1998 p. 78).

Ele afirmava que tanto nas comunidades rurais como nas urbanas, uma consciência de consumidor precedeu outras formas de antagonismo político ou industrial. O indicador mais sensível do descontentamento popular era, não o salário, mas o preço do pão. Seus salários eram regulados pelo costume ou pelo seu poder de barganha. Esperavam comprar suas provisões no mercado livre, e mesmo em tempos de escassez esperavam preços também regulados pelo costume. As “leis” divinas da oferta e da procura, segundo as quais a escassez necessariamente levava à alta de preços, não conseguiram de jeito nenhum ser aceitas pela mente popular, onde ainda persistiam noções mais antigas de barganha direta. Qualquer aumento agudo nos preços provocava um motim

(THOMPSON, 1998, p. 78). Trechos do romance de Zola ilustram esta perspectiva de Thompson com relação a cultura dos mineiros:

Nesse mesmo dia, às duas horas, as mulheres dos mineiros, por seu lado, fizeram uma tentativa com Maigrat. Era a última esperança, comover aquele homem, arrancar-lhe mais uma semana de crédito (ZOLA, 1981, p. 196).

As mulheres o escutaram cheias de uma humildade medrosa, desculparam-se, espiaram nos seus olhos para ver se descobriam algum sinal de amolecimento. Ele recomeçou com as brincadeiras, ofereceu seu armazém à Queimada se ela o aceitasse como amante. Para agradá-lo, na covardia da miséria, riram; a mulher de Levaque foi mais longe, disse que aceitava a proposta. Mas logo ele voltou ao tom grosseiro e empurrou-as para a porta. Como insistissem, deu um safanão numa delas. As outras, já do lado de fora, chamaram-no vendido, enquanto a mulher de Maheu levantava os braços num impulso de indignação vingadora, pedindo a sua morte, gritando que um homem daquele não merecia comer (ZOLA, 1981, p. 197).

Esse tipo de relações sociais é visto nos momentos de negociação com Maigrat, o principal mercador da vila, que possui suporte dos poderosos burgueses que controlam a cidade. O comerciante é fundamental na história não só pelo fato de agir a favor da companhia quando ocorre a greve, mas também de usar o “sexo” como moeda de troca. Na história, Maigrat era conhecido por quitar as contas dos moradores aceitando copular com as mulheres das famílias em dívida. Magraw (2002) afirma que Zola apelou para o mito das mulheres históricas, quando no enredo, Maigrat é capado pelas mulheres oprimidas por ele em todos os meses de greve. No entanto, segundo Thompson, esses atos de violência e formação de motins:

[...] são geralmente uma resposta racional, que não acontece entre os indefesos ou sem esperança, mas entre aqueles grupos que se sentem com um pouco de poder para tomar os viveres de que precisam quando os preços vão às alturas, os empregos desaparecem e eles veem o seu suprimento de alimentos básicos ser exportado. O “motim” – um termo, em si, canhestro, que talvez mais oculte do que revele - não é uma resposta “natural” ou “óbvia” à fome, mas um padrão sofisticado de comportamento coletivo, uma alternativa coletiva a estratégias individualistas e similares de sobrevivência. Não há dúvida de que os amotinados tinham fome, mas a fome não prescreve que eles devam se rebelar nem determina formas de revolta (THOMPSON, 1998, p. 207 - 208).

3.2 Classe: Formação, luta e consciência

O conceito de experiência de Thompson, abrange também a formação de classe, além da própria dinâmica da luta de classes. Neste tópico, pretende-se entender como o processo de criação da classe operária de *Germinal* é determinante para o enredo. Assim para visualizar o que Thompson entende quando fala de consciência e luta de classe na sua obra teórica. A experiência é fundamental na constituição da classe operária. Embora, o teórico britânico tenha como objetivo de pesquisa do proletariado inglês do fim do século XVIII, serve, também, para o estudo aqui proposto.

3.2.1 Classe

A relação entre os membros de uma classe, ou entre esses membros e outras classes, é de natureza diferente. Nem o processo de produção, nem o processo de extração da mais-valia provoca a união entre eles. “Classe” não se refere apenas aos trabalhadores combinados numa unidade de produção, ou contrários a um explorador comum numa unidade de apropriação. Classe implica uma ligação que se estende além do processo imediato de produção e do nexos imediato de distração, uma ligação que engloba todas as unidades particulares de produção e de apropriação. As ligações e oposições contidas no processo de produção são a base da classe; mas a relação entre pessoas que ocupam posições semelhantes nas relações de produção não é dada diretamente pelo processo de produção e de apropriação. (WOOD, 2011)

Segundo Thompson, é vivendo numa sociedade estruturada que os atores sociais experimentam a exploração, e experiências em comum, identificam pontos de interesses antagônicos e começam a lutar por seus interesses (THOMPSON, 2017, p. 10). A classe é tanto uma formação social como cultural, que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em termos de relações recíprocas com as outras classes: a classe é inseparável da noção de luta de classes. A luta de classes é um conceito anterior ao de classe. Na verdade, a classe surge da luta. A antecedência do conceito de luta de classes implica repor a dinâmica, o movimento, recuperar a dimensão histórica do protagonismo dos agentes históricos. Daí o peso que tem a ideia de processo na obra de Thompson. É no processo de

luta que os agentes se descobrem como classe. A classe e a sua consciência são sempre as últimas e não as primeiras fases desse processo desse tipo de formação cultural (SILVA; SACRAMENTO, 2016).

A formação de classe é particularmente difícil de explicar sem recorrer a conceitos como a “experiência” de Thompson. Embora as pessoas possam participar diretamente da produção e da apropriação - as combinações, as divisões e os conflitos gerados por esses processos -, classe não se apresenta a elas de forma tão imediata. Como, na verdade, as pessoas nunca são “reunidas” em classes, a pressão determinante exercida por um modo de produção na formação das classes não pode ser expressa sem referência alguma coisa semelhante a uma experiência comum - uma experiência vivida de relações de produção, as divisões entre produtores e apropriadores, e, mais particularmente, dos conflitos das lutas inerentes às relações de exploração. É no meio dessa experiência vivida que toma forma a consciência social e, com ela, a “disposição de agir como classe”.

Se os operários estavam passando fome, a companhia estava deixando de ganhar os seus milhões. Por que havia de ser ela a mais forte nesta guerra do trabalho contra o dinheiro? Se ela vencesse, a vitória lhe custaria caro; depois ver-se-ia quem perdera mais. Ressurgia nele a sede de batalha, o desejo feroz de acabar com a miséria, mesmo que para isso tivesse de dar a vida. Era melhor que o conjunto habitacional sucumbisse todo junto, em vez de estar morrendo aos poucos, de fome e de injustiça. As leituras mal digeridas voltavam-lhe à mente, exemplos de povos que tinham incendiado suas cidades para deter o inimigo, histórias nebulosas onde as mães salvavam seus filhos da escravidão esmigalhando suas cabeças contra as pedras, onde os homens morriam de inanição para não comer o pão dos tiranos (ZOLA, 1981, p. 179).

Para Thompson a classe faz-se. É um processo histórico. É um processo que se deve tanto à ação humana quanto aos seus determinantes, um fenômeno histórico que “unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência como na consciência” (THOMPSON, 1987, p. 9). Daí ele sentenciar:

[...] classe, na tradição marxista é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista (THOMPSON, 2001, p. 260).

O processo de formação de uma classe integra simultaneamente a experiência e a consciência de classe. A experiência de classe é determinada, em

grande parte, pelas relações de produção em que os homens nasceram ou ingressaram involuntariamente e a consciência de classe resulta “da forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais” (THOMPSON, 1987, p. 10).

Thompson reforça esta ideia, afirmando sinteticamente que “formações de classe [...] surgem no cruzamento da determinação e da auto atividade”. Nessa perspectiva de análise, classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real. Para ele, a formação de classe [não pode] ser independente de determinações objetivas, nem [...] a classe [pode ser] definida como simples fenômeno cultural. [...] Nenhum exame das determinações objetivas e, mais do que nunca, nenhum modelo eventualmente teorizado pode levar à equação simples de uma classe como consciência de classe. A classe se delinea segundo o modo como os homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do “conjunto das suas relações sociais”, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural (THOMPSON, 2001, p. 277).

3.2.2 Consciência

O projeto histórico de Thompson pressupõe que relações de produção distribuem as pessoas em situações de classe, que essas situações geram antagonismos essenciais e conflitos de interesses, e que elas criam assim condições de luta. As formações de classe e a descoberta da consciência de classe se desenvolvem a partir do processo de luta à medida que as pessoas “vivem” e “trabalham” suas situações de classe (WOOD, 2011, p. 76).

No item “consciência de classe”, há no marxismo, a explicação para a falta de consciência de classe através de duas teorias. Primeiro, a leninista, na qual a consciência de classe teria de ser impulsionada por elementos externos à própria classe. Sobretudo, a necessidade de uma vanguarda portadora dos verdadeiros interesses de classe, refletindo o dilema entre a ação espontânea e consciente. A outra, althusseriana, na qual a complexa presença dos aparelhos ideológicos garantiria o domínio absoluto da reprodução da ideologia burguesa sobre os agentes históricos, tornando-os portadores permanentes de uma falsa consciência.

O diálogo entre ser social e consciência social, utiliza isso de Marx, mas afirma que ao invés de determinar, “orienta”. É interessante ver em Thompson que a “burguesia” aparece como formada e pronta, ainda que interagindo com a classe operária ou o campesinato inglês. Para ele: “a experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram - ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe” (Thompson, 1987, p. 10). Como ele questiona que em Marx é a industrialização que produziu o operariado, na sua obra também a industrialização aparece como quem produziu o industrial.⁵

Contudo, no interior e por baixo desse arco, há um sem-número de contextos e situações em que os homens e mulheres, ao se confrontar com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida (THOMPSON, 2001, p. 260-261).

Porque o diálogo entre a consciência e o ser torna-se cada vez mais complexo, quando a consciência crítica está atuando sobre artefatos intelectuais, relações sociais, o fato histórico (THOMPSON, 1981, p.27). Ocorrem mudanças no ser social que dão origem a uma experiência modificada; e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados (THOMPSON, 1981, p. 16).

Maheu escutou de olhos baixos. Depois, começou com uma voz a princípio hesitante e surda:

— Senhor diretor, é justamente porque sou um homem tranqüilo, a quem ninguém pode atacar, que meus camaradas me escolheram. Isso deve servir-lhe como prova de que não se trata de

⁵ “O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008 p.47)

uma revolução de desordeiros, de más pessoas que procuram instaurar a anarquia. Queremos apenas justiça, estamos cansados de andar morrendo de fome e parece-nos que chegou a hora de um entendimento para que ao menos tenhamos pão todos os dias.

Sua voz era cada vez mais firme. Levantou os olhos e continuou, fixando o diretor:

— O senhor sabe muito bem que não podemos aceitar o novo sistema. Somos acusados de revestir mal. É verdade, não dedicamos a essa tarefa o tempo necessário. Mas, se o fizéssemos, nosso salário seria ainda mais reduzido, e, como ele já não chega para nos alimentar, seria então o nosso fim, o golpe de misericórdia que arrasaria os homens que trabalham para o senhor. Pague-nos melhor e revestiremos melhor, empregaremos no escoramento as horas recomendadas, em lugar de nos encarniçarmos no abate, que é a única coisa que nos rende. Não há outro acordo possível, o trabalho precisa ser pago para ser feito... E o que o senhor inventou no lugar disso? Uma coisa que não nos entra na cabeça: baixou o vagonete e depois pretendeu compensar essa baixa pagando o revestimento à parte! Mesmo que isso fosse verdade, ainda assim estaríamos sendo roubados, já que o revestimento sempre tomará mais tempo. Mas o que mais nos enfurece é que nem isso é verdade: a companhia não compensa coisa nenhuma, ela simplesmente põe dois cêntimos por vagonete no bolso, eis tudo.

— E isso mesmo, aí está a verdade... — murmuraram os outros delegados ao verem o Sr. Hennebeau fazer um gesto violento, como para interromper.

De resto, Maheu cortou a palavra ao diretor. Agora que começara, as palavras vinham sozinhas. Chegava a escutar-se, com surpresa, como se um estranho falasse nele. Eram coisas acumuladas no fundo do seu peito; coisas que não sabia que estavam ali armazenadas e saíam aos borbotões do seu coração. Falou da miséria em que viviam, do trabalho duro, da vida de bestas de carga, da mulher e das crianças chorando de fome em casa. Citou os últimos pagamentos ínfimos, as quinzenas irrisórias, desfalcadas pelas multas e pelas folgas, levadas às famílias desesperadas. Seria isso um plano para destruí-los?

— Assim é que, senhor diretor — concluiu ele —, viemos aqui para lhe dizer que, se é para morrer, preferimos morrer sem fazer nada; ao menos não estaremos exaustos quando chegar a hora. Deixamos o trabalho e só voltaremos a ele se a companhia aceitar nossas condições. Ela quer baixar o preço do vagonete, pagar o revestimento à parte. Nós queremos que as coisas continuem como eram e exigimos ainda que nos dêem cinco cêntimos a mais por vagonete... Agora chegou a sua vez de dizer se é pela justiça e pelo trabalho. (ZOLA, 1981 p 165) e

“Estive em sua casa na noite passada e me pus muito à vontade. Você não tem família, e é um homem só com a mina de carvão, vejo que você tem uma grande quantidade de cômodos e grandes adegas, e muito vinho e cerveja nelas neles, das quais peguei minha parte. Agora conheço alguns da nossa mina que tem três ou quatro rapazes e menores, e vivem em um cômodo que não é nem metade da sua adega. Não pretendo saber muito, mas sei que não deveria

existir essa diferença tão grande ponto o único lugar em que podemos ir nos fins de semana é a cervejaria e tomar um caneco. Não pretendo que seja uma vantagem, mas sei disso, e montes dos meus camaradas sabem que não somos tratados como deveríamos ser, e um grande filósofo diz que conhecer é saber que somos ignorantes. Mas já começamos a desmascarar isso, e vocês patrões e proprietários podem tomar cuidado pois não vão ganhar tanto por sua conta agora vamos ter algo de nosso...”⁶

“Rolavam os bonés entre os dedos, lançavam olhares de esguelha para o mobiliário, que era uma confusão de todos os estilos, que o gosto pela antigalha pusera em moda: poltronas Henrique II, cadeiras Luís XV, uma escrivaninha italiana do século XVII, um contador espanhol do século XV, um frontal de altar como lambrequim da lareira e apliques de vestimentas litúrgicas decorando os reposteiros. Esses ouros velhos, essas sedas velhas de tons fulvos, todo esse luxo de capela colhera-os num mal-estar respeitoso. Os tapetes do Oriente pareciam estar embarçando seus pés com sua lã alta. Mas o que mais os sufocava era o calor, um calor de aquecedor que envolvia com sua surpresa aqueles rostos gelados pelo vento da estrada. Cinco minutos tinham-se escoado. Sentiam-se cada vez mais inquietos no bem-estar daquele salão rico e confortavelmente fechado.” (ZOLA, 1981 p. 165)

Zola mostra, através de uma cena, o abismo que separa as condições materiais do patrão e operário. A similaridade entre a carta do mineiro inglês em 1830 e dos personagens em *Germinal* são exemplos de como Zola, mesmo usando da ficção e de diversas ideologias, nos apresenta detalhes e uma situação similar com o que, embora sendo mineiros em dois países, contextos e mentalidades, passariam a relatar de forma semelhante. Isso, devido ao que presenciaram: experiências comuns. Ambos casos conseguem refletir sobre sua situação de subordinação, insalubridade e exploração.

Ferrera (1999), lembra que parte da obra de E. P. Thompson esteve dedicada às questões associadas às formas em que foi articulado um discurso próprio dos trabalhadores, e ainda de como o discurso da burguesia era re-apropriado e ressignificado pela classe operária, fosse para contestar a economia política clássica, construindo uma economia moral própria, ou usando as normas, tradições e leis em seu próprio benefício (Thompson, 1987), ou seja, que as questões da linguagem não ficaram de fora do horizonte thompsoniano. A classe existe à medida

⁶ R Fynes, *The Miners of Northumberland and Durham* (ed.1923), p.21. apud: THOMPSON, Edward P. (1987). *A Formação da Classe Operária Inglesa: A força dos trabalhadores*. Vol. III 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, pg. 307-308.

que existe o sentimento e a articulação de uma identidade, no lugar de uma identidade objetiva dos seus interesses. Sem consciência de classe não há classe. A consciência de classe não é deduzida por Thompson em termos econômicos. Então ele a procura na construção histórica da experiência, na elaboração de um vocabulário e de uma organização conceptual através da qual a sua identidade, como classe, poderia ser pensada e atualizada:

Sem dúvida tinham sido derrotados, pois haviam deixado dinheiro e mortos, mas Paris não esqueceria os tiros da Voreux, o sangue do império também correria por aquela ferida incurável. E, se a crise industrial chegasse ao fim, se as fábricas reabrissem uma a uma, não tinha importância, o estado de guerra continuaria, a paz agora era impossível. Os mineiros já sabiam quantos eram, já conheciam sua força, tinham sacudido com seu grito de justiça os operários da França inteira. A derrota deles não trazia segurança para ninguém; os burgueses de Montsou viram sua vitória minada pelo surdo mal-estar das seqüelas da greve, e olhavam para trás, suspeitando de que seu fim continuava a espreitá-los, inevitável, do mais recôndito daquele grande silêncio. Eles compreendiam que a revolução renasceria sem descanso, talvez mesmo amanhã, com a greve geral, a união de todos os trabalhadores resultando em caixas de socorros que os levariam a agüentar por muitos meses comendo pão. Desta última vez, fora um empurrão dado na sociedade em ruínas, e tinham sentido perfeitamente o chão fugindo sob seus pés, sentiam formarem-se outras convulsões, sempre outras, até que esse velho edifício abalado desmoronasse, tragado como a Voreux, sorvido pelo abismo. (ZOLA, 1981 p. 395)

Claro, que as condições econômicas estruturais da sociedade capitalista da época são indicadores norteadores para os trabalhadores a greve. No entanto, são suas experiências, ações e estratégias que realmente norteiam o movimento grevista. A história é feita de derrotas. As experiências ficam. A greve mudou os trabalhadores, a cidade e o próprio movimento operário da França.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procurou-se compreender como o conceito de “experiência” de E.P Thompson pode ser visualizado na obra *Germinal* de Émile Zola. Para isso, utilizou-se como fonte principal, o próprio livro do francês naturalista associado a teoria do marxista britânico. Junto ao tema central, percorreu-se sobre outros subtemas como o uso da literatura como fonte histórica e a utilização dos conceitos associado a “experiência”, como luta de classe, consciência de classe e formação de classe.

Embora Zola seja influenciado por teorias positivistas e que **tenha** colocado em prática em sua obra os efeitos da hereditariedade, além de estereótipos da época, como a histeria feminina e o mineiro como trabalhador bruto e não civilizado⁷, o livro ainda deixa passagens que mostram que as experiências vivenciadas pelos personagens são cruciais para sua constituição como classe e sua organização como movimento grevista. Mesmo sendo oprimidos pelas forças policiais a favor da classe dominante.

E. P. Thompson foi importante na criação da “História Vista de Baixo”, junto aos seus companheiros marxistas britânicos, como Hobsbawm, Maurice Dobb, Dona Torr etc. Emile Zola não imaginaria, mas no fim do século XIX estaria fazendo um certo tipo de “Literatura Vista de Baixo”. Concordo com Wood (2011) quando reafirma que a mensagem de Thompson é política na forma como ele recupera a consciência popular e o desenvolvimento de classe. Em que a cultura popular, surge diretamente da experiência, uma experiência de trabalho, exploração, opressão e luta. Sua reconstrução da história feita pela classe operária como agente ativo e não apenas como vítima passiva. Não pode haver ruptura entre o teórico e o empírico, e o historiador Thompson assume a tarefa imposta pelo teórico Thompson. Sua definição de classe como processo ativo e relação histórica foi feita para defender a classe contra os cientistas sociais e historiadores que negam sua existência; mas tinha também o propósito de negar tanto as tradições intelectuais quanto às práticas políticas que suprimem a ação humana e negam a atividade

⁷ (MAGRAW, 2002 p.236)

própria da classe operária no desenvolvimento da história. Ao colocar a luta de classes no centro da teoria e da prática, Thompson procurou recuperar a “história que vem de baixo” não apenas como empresa intelectual, mas como projeto político contra as opressões da dominação de classe.

A importância do tema perpassa uma análise teórica de uma obra literária. No Brasil, a classe operária vem sofrendo inúmeros ataques e perda de direitos nos últimos quatro anos. A luta dos mineiros em *Germinal* é a luta diária da grande parte da população brasileira que convive com a miséria, a fome, a humilhação e desvalorização da força de seu trabalho. A greve continua sendo uma ferramenta útil na luta da classe trabalhadora. Muito das conquistas no espectro jurídico, social e econômico foi graças à incessante batalha dos trabalhadores brasileiros, em todo século XX e XXI. Thompson, em sua obra, mostra que os trabalhadores são protagonistas e ativos na história. A pandemia de 2020 vem mostrando que o capitalismo global não se importa com a vida, apenas com o lucro. Uma onda conservadora toma conta da Europa e das Américas. No Brasil, o governo atual age com propostas antidemocráticas e contra o trabalhador. O proletariado deve-se posicionar contra atitudes neoliberais e protofascista que ameaçam sua consistência como classe, mesmo que fragmentada. O trabalho de base e a luta popular mostra-se como a saída mais coerente a crise do capitalismo global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. “Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política”. Relógio D’Água Editores. Lisboa, 1992.

BERRETTINI, Célia: As Ideias Literárias de Émile Zola; O Romance Naturalista de Émile Zola In: TELES, Adriana da Costa: O naturalismo / organização J. Guinsburg, João Roberto Faria. - 1. ed. - São Paulo : Perspectiva, 2017.

BERTUCCI, Liane Maria. Edward P. Thompson: história e formação / Liane Maria Bertucci, Luciano Mendes de Faria Filho, Marcus Aurelio Taborda de Oliveira – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CARVALHO, Wirlanne Nádia L.; JÚNIOR, Leôndidas Freire; RODRIGUES, Maristella Muniz; de: “UMA FLANAGEM HISTÓRICA PELA OBRA GERMINAL: TRABALHO, LUTAS E VIVÊNCIAS DA CLASSE TRABALHADORA FRANCESA” CONTRAPONTO: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 2, n. 1, fev. 2015.

CEVASCO, Maria Elisa. Para ler Raymond Williams. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FERRERA, Norberto O. Culturalismo e experiência: leitura dos debates em torno da obra de E. P. Thompson. Diálogos, v. 3, n. 3, 1999.

FILMER, Paul. A estrutura do sentimento e das formações sócio-culturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams. Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 14, n. 27, 2009, p. p. 371-396

HOBBSAWM. Eric J.,. A era do capital, 1848-1875. 26ed - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017

JOSEPHSON, Matthew. Zola e seu Tempo. Rio de Janeiro: Companhia editora Nacional, 1958.

LARA, Silvia H. “Blowin’ in the wind: E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil”. Projeto História, (1995), n. 12, 1995, p. 43-56.

LÖWY, Michael. Por um marxismo crítico. *Lutas Sociais*, São Paulo, 1997, n. 3.

LUKÁCS, Gyorgy, “Marxismo e teoria da literatura; seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho. SP: Expressão Popular, 2010.

LUKÁCS, Gyorgy. “Ensaio sobre literatura”, 1965. Prefácio e Coordenação: Leandro Konder: Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro -RJ.

MAGRAW, Roger. France, 1800-1914: A Social History. Longman, 2002.

MARTINS, Angela Maria Souza e NEVES, Lúcia Maria Wanderley: GRAMSCI, THOMPSON, WILLIAMS - Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 55, p. 73-93, mar2014 – ISSN: 1676-2584

MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política: EDITORA EXPRESSÃO POPULAR, 2008

MITTERAND, Henri. Le discours du roman. Paris, PUF, 1986

MUSTO, Marcello (org.); tradução Rubens Enderle. “Trabalhadores, uni-vos!: antologia política da I Internacional; 1.ed – São Paulo: Boitempo, 2014.

SACRAMENTO, Igor; SILVA, Marco Antonio Roxo da: Thompson e Williams: para uma história cultural da comunicação. v. 9 n. 1 (2010): Revista Interin nº 9; Publicado em 2016-06-02

SILVESTRE, Paulo Armando da Cunha. Vivências do feminino no final de oitocentos: representação da mulher em alguns romances e periódicos da época. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses e Interdisciplinares) - Universidade Aberta, Lisboa, 2009.

Schwarz, Daniel R., author. Reading the European Novel to 1900 : a Critical Study of Major Fiction from Cervantes' Don Quixote to Zola's Germinal.

THOMPSON, Edward P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. A formação da classe operária inglesa. Vol. 1, 2ª ed. Rio de Janeiro, 1987. Paz e Terra.

_____. A formação da classe operária inglesa. Vol. 1, 8ª ed. Rio de Janeiro, 2017. Paz e Terra.

_____. A formação da classe operária inglesa. Vol. 2, 2ª ed. Rio de Janeiro, 2002. Paz e Terra.

_____. A formação da classe operária inglesa. Vol. 3, 2ª ed. Rio de Janeiro, 1987. Paz e Terra.

_____. A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra (31 de dezembro de 2012)

_____. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Org. e trad. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

_____. Tradición, revuelta y consciencia de clase. Barcelona: Critica Editorial, 1977.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

WOOD, Ellen. Democracia contra capitalismo: a renovação do Materialismo Histórico. Tradução: Paulo Castanheira; Boitempo: SP, 2011.

ZOLA, Émile, 1840-1902. *Germinal*; tradução Eduardo Nunes Fonseca; prefácio Assis Brasil. – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ZOLA, Émile, *Germinal*. Tradução: Francisco Bittencourt. Abril, 1981